

JESUS E A GLOSSOLALIA: ENTRE UMA ANÁLISE PONDERADA E UMA ABORDAGEM PROVOCATIVA

Alessandro Barreto da Silva¹

Resumo

O artigo analisa, em perspectiva pentecostal, a plausibilidade de Jesus ter manifestado γλωσσολαλία [glossolalia]. Por meio de estudo bibliográfico, compara Donald C. Stamps, que vê o batismo de Jesus como unção messiânica singular e tipológica, sem evidência textual de glossolalia, e Robert P. Menzies, que interpreta Lc 10.21 como possível exultação profética análoga ao falar em línguas, associando-o ao Sl 16.9. Conclui que, embora teologicamente plausível, não há comprovação bíblica de que Jesus tenha falado em línguas; sua experiência permanece única e paradigmática, inspirando a espiritualidade teológica-carismática da Igreja.

Palavras-chave: Lucas. Profecia. Batismo. Pentecostalismo.

1 INTRODUÇÃO

A investigação da experiência espiritual de Jesus em relação ao Espírito Santo — em particular quanto ao seu batismo no Espírito e à questão da γλωσσολαλία “glossolalia” — constitui tema de grande relevância teológica para a tradição pentecostal. Donald Carrel Stamps vincula a vivência de Cristo ao batismo no Espírito Santo, entendendo esse evento como a unção que o qualificou para o ministério; contudo, ele realça ao mesmo tempo a singularidade dessa experiência em relação à vivência dos crentes após Pentecoste. Robert Menzies, por sua vez, propõe na leitura lucana que a exultação de Jesus (Lc 10.21) pode ser vista como expressão

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Graduado em Filosofia pela Faculdade Santa Fé - FSC. Pós-graduado em Ciências da Religião pela Faculdade de Teologia Integrada – FATIN. Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Bolsista CAPES – PROSUC. E-mail: alessandro.00000854283@unicap.br. É Ministro do Evangelho na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco - IEADPE.

profética inspirada, possivelmente ligada à glossolalia. Esse quadro permite examinar como a igreja primitiva interpretou manifestações carismáticas à luz das profecias veterotestamentárias (ex. Sl 16.9) e de que maneira tais experiências influenciaram práticas eclesiais posteriores. O presente artigo objetiva explorar essas perspectivas, com ênfase na posição de Stamps e Menzies sobre a plausibilidade de Jesus ter experimentado o falar em línguas, e assim contribuir para o diálogo entre exegese lucana, tradição pentecostal e reflexão teológica sobre a espiritualidade de Jesus e de seus discípulos.

2 DONALD C. STAMPS E A HIPÓTESE DA GLOSSOLALIA EM JESUS: UMA ANÁLISE PONDERADA

As Escrituras atestam que Jesus foi “concebido pelo Espírito” (Lc 1.35), “cheio do Espírito” (Lc 4.1) e “ungido com o Espírito Santo” (At 10.38). No âmbito do pentecostalismo clássico, sustenta-se que, se o falar em línguas constitui sinal da plenitude do Espírito no contexto pós-Pentecoste (At 2.4; 10.44–46; 19.6), não haveria, em princípio, impedimento para que o próprio Jesus, em perfeita comunhão com o Espírito, pudesse igualmente manifestar esse dom.

Nessa perspectiva, Jesus é compreendido como παράδειγμα “paradigma” de uma vida inteiramente orientada pelo Espírito e de um ministério autenticamente carismático. Considerando que a γλωσσολαλία “glossolalia” é entendida como expressão do revestimento de poder concedido à Igreja, alguns autores julgam plausível que o Filho de Deus tenha participado, em sua plenitude, de todas as manifestações do Espírito, inclusive do falar em línguas.

O batismo de Jesus no Jordão é frequentemente interpretado como prenúncio profético de Pentecoste, antecipando o futuro derramamento do Espírito sobre a comunidade dos crentes. Sob essa ótica, teólogos pentecostais como Carvalho (2022), Siqueira (2018), Menzies (2016), Gomes (2021) e Stamps (1995) admitem que a glossolalia poderia, em tese, funcionar como sinal desse anúncio escatológico.

Ao tratar do batismo no Espírito Santo, Stamps (1995, p. 1529) afirma: “Todos os que experimentarem o sobrenatural renascimento espiritual pelo Espírito Santo devem, como Jesus, experimentar o batismo no Espírito Santo, para lhes dar poder na vida e no trabalho (At 1.8)”. Em seu comentário a Lucas 3.22, emprega a expressão “batismo de Jesus no Espírito Santo” (1995, p. 1506) e reforça que “todos os crentes regenerados devem, como Jesus, experimentar o batismo no Espírito Santo” (1995, p. 1559). Para Stamps, o batismo de Jesus configura paradigma e fonte tipológica para a experiência pentecostal dos crentes.

Entretanto, sua posição quanto à possibilidade de Jesus ter manifestado glossolalia [γλωσσολαλία] é cautelosa. Stamps identifica o batismo de Jesus como a unção profética que o capacitou para o ministério (Lc 4.1; 4.18–19) e admite a aplicabilidade do termo “batismo no Espírito Santo” ao evento jordaniano, mas não apresenta fundamento textual ou exegético que comprove que Jesus tenha efetivamente falado em línguas. Assim, vincula o batismo de Cristo ao revestimento de poder sem equipará-lo, de modo mecânico, às manifestações carismáticas pós-Pentecoste — compreendidas no pentecostalismo clássico como batismo subsequente à regeneração com evidência inicial no falar em línguas.

Essa prudência hermenêutica destaca dois pontos centrais: (1) Jesus foi ungido de maneira única e teleológica, não necessitando de regeneração nem de um revestimento posterior, pois possuía a plenitude do Espírito; (2) a ausência, nos Evangelhos, de qualquer relato de Jesus falando em línguas impede uma conclusão afirmativa. Stamps reconhece a possibilidade teórica — isto é, não contraditória — de que Jesus pudesse ter recebido um batismo do Espírito cujos sinais não foram registrados ou se manifestaram de modo distinto; contudo, não encontra base textual para sustentar que Jesus tenha experimentado glossolalia de maneira análoga aos crentes após Pentecoste.

Por fim, Stamps adverte para a necessidade de precisão terminológica: aplicar a fórmula “batismo no Espírito Santo” a Jesus sem

esclarecer a diferença entre a unção jordaniana e a experiência pentecostal posterior pode gerar confusão doutrinária. Sua proposta é interpretar o batismo de Jesus como ato profético e tipológico, sem imputar a esse evento, sem suporte textual, a evidência carismática específica do falar em línguas. Em síntese, Stamps vê no batismo de Jesus o modelo e a fonte de autoridade para o ministério cristão capacitado pelo Espírito, mas não oferece argumentos que permitam afirmar que Ele tenha, de fato, manifestado glossolalia; a plausibilidade permanece teologicamente aberta, porém não comprovada nos relatos evangélicos.

3 ROBERT P. MENZIES E A GLOSSOLALIA EM JESUS: UMA ABORDAGEM PROVOCATIVA

No contexto da manifestação dos dons espirituais na pessoa de Jesus, alguns teólogos e autores pentecostais, como Robert P. Menzies, defendem a possibilidade de o “dom de línguas” [γλωσσολαλία] ter operado em sua humanidade. Menzies (2016, p. 67) argumenta que Lucas apresenta o falar em línguas como uma forma específica de expressão profética destinada a permanecer na vida da Igreja. O autor identifica, ainda, indícios de que essa prática se manifesta na experiência de Jesus, especialmente em Lucas 10.21, quando o evangelista descreve um momento de júbilo no Espírito Santo.

Com base no Antigo Testamento, Menzies sugere que esse “arrebatamento espiritual” de Jesus encontra respaldo em predições veterotestamentárias. Ao analisar o retorno dos setenta discípulos enviados em missão, o autor observa: “Lucas fornece um contexto interessante para esse arroubo de alegria em ação de graças. Ocorre em resposta ao retorno dos setenta em missão. Como já observamos, o envio dos setenta (Lc 10.1,17) ecoa a unção profética dos setenta anciãos em Números 11” (Menzies, 2016, p. 67).

Nesse mesmo sentido, Wenham (1985, p. 109) interpreta as profecias narradas em Números 11.24-30 como exemplo de “expressão extática ininteligível, o que o Novo Testamento chama de falar em línguas”. De

acordo com Menzies (2016, p. 68), é imediatamente após essa referência que Lucas descreve a exultação inspirada de Jesus.

Para a discussão sobre a glossolalia e a experiência de Jesus, destaca-se a forma como Lucas introduz suas palavras de louvor: “Se alegrou Jesus no Espírito Santo e disse” [ἡγαλλιάσατο ἐν τῷ πνεύματι τῷ ἀγίῳ καὶ εἶπεν] “ēgalliasato en tō pneumati tō hagiō kai eipen” (Lc 10.21). O verbo ἀγαλλιάω (agalliáō – “alegrar-se”), empregado pelo evangelista, ocorre com frequência na Septuaginta [LXX], sobretudo nos Salmos e em trechos poéticos dos Profetas, onde indica exultação espiritual que se expressa em louvor a Deus pelos seus atos poderosos (Menzies, 2016, p. 68).

Segundo o autor, o sujeito desse verbo não apenas vivencia um estado de êxtase, mas também proclama os feitos divinos. No Novo Testamento, a palavra mantém esse sentido, evidenciando, em Lucas-Atos, a relação entre ἀγαλλιάω “agalliáō” e a declaração das obras salvíficas de Deus. Menzies (2016, p. 68) observa que o termo descreve o louvor jubiloso de Maria (Lc 1.47), de Jesus (Lc 10.21) e de Davi (At 2.26), todos em resposta à ação redentora de Deus. Em Lucas 1.47 e 10.21, o verbo aparece diretamente associado à inspiração do Espírito Santo, enquanto em Atos 2.25-30 Davi é apresentado como profeta. Para Lucas, portanto, ἀγαλλιάω “agalliáō” mostra-se especialmente apropriado para caracterizar a atividade profética. Menzies chega a afirmar que:

Lucas não apenas vê o **falar em línguas** [glossolalia] como um tipo especial de discurso profético que tem um papel contínuo na vida da igreja, **mas também há indicações de que ele vê essa forma de fala inspirada e exuberante modelada na vida de Jesus**. Além dos paralelos gerais entre Jesus e seus discípulos com referência à fala profética inspirada pelo Espírito (por exemplo, Lc 4.18-19; At 2.17-18), há um paralelo mais específico encontrado em Lucas 10.21, um texto exclusivo dele [de Lucas]: “**Naquele tempo, Jesus, cheio de alegria pelo Espírito Santo, disse: Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra**” (2018, p. 47, grifo nosso).

Para Gomes (2021, p. 73), dentro desta perspectiva: “Um Jesus batizado no Espírito Santo, continuando a essência ecoada pelos eventos análogos do Antigo Testamento, já não soam tão estranho [...] nem deveriam soar. É uma realidade bíblica e, portanto, merecedora de toda a aceitação”.

Em concordância com Gomes (2021), Menzies observa que a referência de Atos 2.26 é particularmente relevante, pois o verbo grego ἡγαλλιάσατο “ēgalliasato” aparece associado ao termo γλῶσσα [glōssa - língua]. Citando o Salmo 16.9 (equivalente ao Sl 15.9 na Septuaginta), Pedro declara a respeito de Davi: “Portanto, meu coração está alegre e a minha língua exulta” [καὶ ἡγαλλιάσατο ἡ γλῶσσά μου] “kai ēgalliasato hē glōssa mou”.

Segundo Menzies (2016, p. 69), essa associação entre ἡγαλλιάω “agalliaō” e γλῶσσα “glōssa” não deve causar surpresa, visto que cinco das oito ocorrências de glōssa em Lucas-Atos descrevem experiências de exaltação espiritual que culminam em louvor (Lc 1.64; At 2.4,26; 10.46; 19.6). Isso sugere que, para Lucas, ambos os termos, quando vinculados à inspiração do Espírito Santo, descrevem ocasiões específicas de inspiração profética, nas quais indivíduos ou grupos experimentam intensa exaltação espiritual que se manifesta em louvores.

Menzies conclui que Lucas 10.21 apresenta a oração de agradecimento de Jesus em termos que evocam a glossolalia: inspirado pelo Espírito, Ele irrompe em louvor exuberante e jubiloso. Para Menzies, embora seja possível que os leitores de Lucas tenham compreendido tal manifestação como envolvendo expressões ininteligíveis, isto é, falar em línguas, não há base suficiente para além de conjecturas. Assim, a conclusão mais prudente é considerar o episódio como uma experiência semelhante ao falar em línguas, caracterizada por arrebatamento espiritual e louvor entusiasmado (Menzies, 2018, p. 49).

Prosseguindo, Menzies (2016, p. 70) afirma que Lucas apresenta a relação de Jesus com o Espírito e sua vida de oração como modelos

significativos para os leitores. Nesse sentido, Lucas 10.21, ao descrever Jesus em termos que remetem à glossolalia, revela-o irrompendo em louvores inspirados pelo Espírito, marcados por exuberância e alegria.

Ele, avança ao dizer ainda que:

Lucas incentiva cada crente a orar por unções proféticas (Lc 11.13), **experiências de exultação inspiradas pelo Espírito, das quais o poder e o louvor fluem, experiências semelhantes às modeladas por Jesus** (Lc 3.21,22; 10.21) **e pela Igreja Primitiva** (At 2.4; 10.46; 19.6). **Lucas acredita que essas experiências são a glossolalia**, que ele considerava forma especial de fala profética e sinal de que o dom pentecostal fora recebido (2016, p. 79, grifo nosso).

Menzies (2018, p. 67) argumenta que Lucas apresenta a experiência de Jesus no Espírito e sua vida de oração, incluindo o momento de arrebatamento espiritual em que Ele irrompe em “louvor jubiloso” (Lc 10.21), como modelo para os leitores. Após experiências de exultação espiritual associadas à glossolalia, a igreja primitiva buscou fundamentar tal prática no Antigo Testamento, o que se evidencia em sua compreensão da missão recebida de Cristo (At 13.33-37, 47). Nesse contexto, o autor questiona quais textos veterotestamentários teriam sido utilizados para justificar a glossolalia e qual teria sido o papel de Jesus nesse processo (Menzies, 2018, p. 73).

Considerando as conexões entre a expressão “minha língua se alegra” [ἡ γλῶσσά μου ἀγαλλιάζει] “hē glōssa mou agalliázei” (At 2.26), a exultação inspirada pelo Espírito em Jesus (Lc 10.21) e o falar em línguas em Atos 2.4, 10.46 e 19.6, Menzies (2018, p. 77-78) sugere que Lucas e a igreja primitiva interpretaram o Salmo 16.9 como referência à glossolalia, prática que compreenderam ter sido exercida pelo próprio Jesus.

O autor destaca a forma significativa como Lucas introduz o louvor de Jesus: “Ele se alegrou no Espírito Santo e disse” [ἡγαλλιάσατο ἐν τῷ πνεύματι τῷ καὶ εἶπεν] “ēgalliasato en tō pneumati tō kai eipen” (Lc 10.21). Nesse contexto, Lucas emprega o verbo ἀγαλλιάω (agalliáō – “regozijar-se”), utilizado com frequência na Septuaginta, especialmente nos Salmos, para indicar exultação espiritual e louvor a Deus pelos seus feitos poderosos.

Segundo Menzies (2018, p. 75), o sujeito do verbo não apenas experimenta arrebatamento sagrado, mas também proclama os atos de Deus. Essa conexão entre *agalliáō* e a declaração dos feitos divinos é particularmente evidente em Lucas-Atos, descrevendo o louvor jubiloso de Maria (Lc 1.47), de Jesus (Lc 10.21) e de Davi (At 2.26), todos em resposta à ação salvífica de Deus em Cristo.

Nesse sentido, Menzies (2018, p. 79) afirma que uma leitura cuidadosa de Atos 2.25-30 indica que as expressões “minha língua exulta” e “me encherás de alegria na tua presença” devem ser compreendidas como alusões a experiências ocorridas durante o ministério terreno de Jesus. Para o autor, toda a citação do Salmo 16.8-11 é mais bem entendida como pronunciamento de Jesus, exaltando seu relacionamento íntimo e jubiloso com o Pai e expressando sua inabalável esperança na ressurreição.

Menzies sustenta ainda que, em Lucas 1.47 e 10.21, o verbo *agalliáō* está diretamente relacionado à inspiração do Espírito Santo, enquanto em Atos 2.25-30 Davi é apresentado como profeta. Para Lucas, esse verbo constituía uma forma particularmente adequada de descrever a atividade profética. Essa associação entre *agalliáō* e *glōssa* não é, portanto, inesperada: quando vinculados à inspiração do Espírito, esses termos designam momentos significativos de exaltação espiritual, manifestos em louvor jubiloso, e caracterizam exemplos essenciais de inspiração profética (Menzies, 2017, p. 75).

Menzies (2018, p. 94) conclui que a compreensão do “falar em línguas” em Lucas como sinal do recebimento do Espírito de profecia (Sl 16.9; At 2.26) reforça a identidade dos discípulos como povo de Deus e valida sua proclamação de Jesus como Senhor. No esquema lucano, um sinal semelhante para o Messias seria apropriado, respaldado pela postura expectante da comunidade quanto à glossolalia (Lc 11.13) e pela leitura messiânica do Salmo 16.9.

O autor destaca que as conexões entre o Salmo 16.9, o louvor de Jesus inspirado pelo Espírito em Lucas 10.21 e as referências ao falar em línguas em

Atos indicam que Lucas e a igreja primitiva interpretaram a exultação de Jesus como incluída na glossolalia, vendo-a como cumprimento de profecia messiânica (2018, p. 97).

Além disso, Menzies argumenta que a vida de oração de Jesus pode ter sido marcada pela glossolalia, hipótese reforçada caso se considere confiável a tradição de Marcos 16.17, em que Jesus se refere diretamente ao “falar em novas línguas” (2018, p. 97-98).

Portanto, a glossolalia não apenas desempenhou papel central na recepção do Espírito pela igreja primitiva, mas também pode ter sido característica essencial da espiritualidade de Jesus. A análise de Menzies sugere que o falar em línguas representava uma dimensão fundamental da experiência espiritual de Jesus e de seus seguidores, sendo interpretado como sinal do cumprimento profético e continuidade da ação do Espírito na história da salvação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência de Jesus em relação à glossolalia e ao batismo no Espírito Santo, a partir de Stamps e Menzies, evidencia a complexidade teológica do tema no contexto pentecostal. Stamps adota abordagem ponderada, reconhecendo o batismo de Jesus como unção messiânica singular, distinta da experiência dos crentes após Pentecoste, sem base textual para afirmar que Ele tenha manifestado glossolalia, embora a possibilidade teórica não seja contraditória. Menzies, de forma mais provocativa, sugere que a exultação de Jesus em Lc 10.21 pode refletir manifestação profética semelhante ao falar em línguas, conectando o Salmo 16.9, a narrativa lucana e as experiências carismáticas da Igreja Primitiva.

Ambas as perspectivas concordam que o batismo de Jesus é um evento único, com propósito e significado próprios, tipologicamente ligado à futura efusão do Espírito, sem reproduzir idêntica experiência carismática pós-Pentecoste. A ausência de registros explícitos nos Evangelhos e o

consenso patrístico reforçam a prudência exegética sobre a glossolalia de Jesus, mantendo a questão em aberto.

Em síntese, a discussão exige equilíbrio entre inferências teológicas e evidência textual: Stamps preserva a singularidade da unção profética de Jesus, enquanto Menzies enfatiza seu caráter profético e tipológico próximo à glossolalia. Assim, embora não haja comprovação bíblica direta, o tema permanece relevante para compreender a espiritualidade de Cristo e a experiência carismática da Igreja.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CARVALHO, César Moisés; CARVALHO, Céfora. *Teologia Sistemática Pentecostal: A conexão pneumática entre as principais doutrinas da fé cristãs*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

GOMES, Anderson Lopez. *O Espírito carismático: uma teologia da porta de entrada dos dons espirituais*. 1ª ed. Joinville, Santa Catarina: Editora Santorini, 2021.

MENZIES, Robert. *Glossolalia: Jesus e a Igreja Apostólica como modelos sobre o dom de línguas*. 1ª ed. Natal, Rio Grande do Norte: Carisma, 2018.

MENZIES, P. Robert. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

MENZIES, Robert P. *Línguas evidenciais: um ensaio sobre o método teológico*. Em: McGEE, Gary (Ed.). *Evidência Inicial*, i ed. Natal: Editora Carisma, 2017.

MENZIES, William W; MENZIES, Robert P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. 1ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2002.

SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. *Pneumatologia: uma perspectiva pentecostal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. *Revestidos de Poder: uma introdução à Teologia Pentecostal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

STAMPS, Donald Carrel (Ed.). *Bíblia de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo*

Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

WENHAM, Gordon J. Números: introdução e comentário. 1^a ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1985. [Série cultura bíblica.]